

Obras Públicas no Estado Novo cobre um vasto leque de realizações desenvolvidas durante o regime autoritário português, em grande parte centradas no período entreguerras, quando mais se fez sentir o impulso fascista na afirmação do novo Estado, interna e externamente. Um esforço considerável, decorrente do colóquio homónimo de 2018, que, ainda assim, não cobre a totalidade dos programas de renovação urbanística desenvolvidos pelo regime (estabelecimentos prisionais, Forças Armadas, serviços aduaneiros, florestais e agrícolas, edifícios hospitalares), como também não abrange o papel da Engenharia e dos engenheiros nesse quadro de renovação. Essas lacunas, em parte, refletem o estado da investigação que vai sendo possível realizar em Portugal neste âmbito, como também reconhecem os coordenadores da obra. Deixa, no entanto, variadas pistas de investigação

e leques temáticos na compreensão do regime, através de um extenso conjunto bibliográfico de enorme importância, agora reunido num único volume. O enquadramento conceptual proposto, neste caso através da participação de Roger Griffin, embora limitado temporalmente e, por isso, incapaz de abranger a longevidade e diversidade do regime português, abre caminhos ainda pouco explorados pela historiografia contemporânea. De resto, algumas dessas limitações tornaram-se evidentes durante o colóquio, onde a discussão sobre as Obras Públicas do Estado Novo oscilou entre a exaltação e a contemporização, muito pela ausência das vertentes social e económica da História. Todavia, esses dilemas não transparecem na obra, que se apresenta como uma sólida visão de conjunto, necessariamente parcial, sobre a temática.

«A EDUCAÇÃO NÃO É NEM ORIENTAL NEM OCIDENTAL. A EDUCAÇÃO É A EDUCAÇÃO E É O DIREITO DE CADA SER HUMANO». ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, JULHO DE 2013. MALALA YOUSAFZAI

DANIELE S. LIZIER*

Esse relato é sobre uma experiência que tive durante um evento de voluntariado com refugiados sírios e paquistaneses que chegaram ao Brasil no ano de 2017. Dos mais de 22 milhões de refugiados no mundo, mais de cinco milhões vieram da Síria. No Brasil, eles são 35% dos mais de cinco mil refugiados reconhecidos no país, conforme a Convenção de 1951 e a Lei 9474/1997. Existem ONG que recebem essas pessoas

em um processo de acolhimento e adaptação no nosso país. Coincidentemente, eu tenho uma amiga que realizava um trabalho de Acupuntura Humanitária em parceria com uma dessas ONG.

Durante um chá da tarde, enquanto conversávamos a respeito de Acupuntura e histórias de guerra, ela me convidou para participar como voluntária em um evento da Acupuntura Humanitária. Ainda não

* Fisioterapeuta Acupunturista, doutoranda no Setor de Neuro-Humanidades da Disciplina de Neurologia da EPM-Unifesp, Brasil. Email: danieletatianefisio@hotmail.com.

mencionei, mas sou uma fisioterapeuta, curiosa e pró-ativa, adoro andar por novos caminhos e contribuir para o movimento na melhora de vida das pessoas, utilizo práticas integrativas, em especial Medicina Chinesa. Cito essa particularidade para explicar o porquê desse voluntariado.

Em um sábado quente do mês de novembro, fui até o bairro da Liberdade, onde havia mercado de encontrar alguns amigos para juntos realizarmos atendimentos de Acupuntura em alguns migrantes. Lembro-me que antes de sair de casa olhei no espelho e pensei em vestir algo adequado para as pessoas da religião muçulmana; embora o Brasil seja um país livre, eles vieram de outro lugar. Então me vesti com um vestido comprido e com mangas longas, apesar do calor. Durante o caminho, tocava no rádio a música «Woman in Chains» da banda Tears for Fears, lembro-me de sentir um sentimento de angústia, enquanto ouvia essa música, talvez de uma maneira inconsciente ou não havia um preparo para a situação que viria a seguir.

Ao chegar no prédio fui informada que eu poderia subir para o segundo andar onde estavam mulheres e crianças. Uma amiga que chegou comigo foi direcionada para a distribuição de alimentos. Ela usava uma blusinha de alças finas com o colo à mostra. De certa forma, a vestimenta dela foi um empecilho para a aproximação com o grupo de mulheres. Chegando no segundo andar, fui apresentada para uma tradutora brasileira que intermediaria os diálogos entre nós. Observei que havia muitas crianças, e embora estivessem há pouco tempo aqui, já sabiam falar nosso idioma. Nos dividimos para iniciar os atendimentos de Auriculoterapia, fiquei com um grupo de mulheres que se queixavam de cefaleia e zumbido.

A primeira mulher que me aproximei para iniciar o atendimento tinha 22 anos, era casada e mãe de 3 crianças. Usava um véu preto, apresentava um olhar cabisbaixo, parecia assustada, relatava muitas dores. Me posicionei a sua frente e retirei uma caneta do bolso do jaleco para anotar as informações sobre ela em uma caderneta, a fim de montar um protocolo para o atendimento. Notei que a filha de 8 anos se aproximou rapidamente, quando peguei o papel e a caneta. A tradutora iniciou as perguntas para a mãe da criança. Enquanto eu anotava o relato, a menina olhava de forma curiosa para minhas mãos. Notei que começou a fingir que escrevia na cadeira, então me disse:

— Olha o que eu faço!

E escreveu algo no ar. Eu reagi com surpresa e disse:

— Então você fala português?

Ela sorriu e disse que sim, a mãe também sorriu. Mas não havia entendido a pergunta.

Segui com a avaliação do caso, o relato era bem triste. O bairro em que viviam havia sido bombardeado e ela ainda «ouvia os barulhos de explosões» e tinha uma reação de contração muscular involuntária que gerava muita dor na região da cabeça e pescoço. Eu queria logo ajudá-la, porém tinha um problema. Ela não poderia tirar o véu e também não podia mostrar o pescoço para que eu pudesse avaliar o tônus muscular e fazer mobilizações. A tradutora tentou tranquilizá-la até que ela pediu ao marido, e ele concordou. Então deixei a caneta e as anotações e nos dirigimos para outra sala. Nesse momento a garotinha não nos seguiu, mas pegou minha caneta e caderneta.

Segui com o atendimento da mãe, depois voltei e pedi para que ela devolvesse minha caneta e o papel, mas ela disse que não havia pegado. Então achei que ela não havia entendido minha pergunta. Chamei

a tradutora que a indagou, e ela disse que não havia pegado. Então eu disse:

— Querida, eu só preciso escrever uma coisa, depois te devolvo. Você gosta de canetas?

Ela disse que sim, porém não podia ter canetas. Eu perguntei: por quê? Olhou para o chão e disse que era menina, e por isso não iria escrever ou ir para a escola. Naquele momento eu senti um calafrio com nó na garganta, meus olhos marejaram... então eu disse:

— Sabe onde você está? No Brasil! E aqui meninas vão para a escola, escrevem histórias bonitas e pintam lindos desenhos. Você gostou dessa caneta? Pois ela é sua! E agora vamos rabiscar esse papel?

Ela sorriu e segurou a caneta com tanta força que seus dedinhos ficaram vermelhos, e em seguida fez um risco forte sobre o papel.

Naquele momento, eu acabava de presenciar uma menininha síria traçando um novo caminho!

Ela olhava para aquela folha de papel com um tanto de encantamento, como quem pudesse ver uma estrada de «tijolos amarelos».

Depois daquele dia eu nunca mais a vi, mas soube que seus pais a matricularam em uma escola, que ela frequentava todos os dias com alegria.

A Malala está certa, papel e caneta podem libertar o mundo!